



2015

UC/FPCE

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Avaliação do grau de concordância entre membros do par
parental relativamente à comunicação entre pais e filhos**

Amélia Dias de Almeida (e-mail:
amelia_diasalmeida@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, sub-
especialização Psicoterapia Sistémica e Familiar sob a orientação
da Professora Doutora Isabel Marques Alberto

Avaliação do grau de concordância entre membros do par parental relativamente à comunicação entre pais e filhos

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o nível de concordância entre membros do par parental numa amostra de casais do Norte de Angola (Cabinda) e a do Sul de Angola (Benguela). Composto por 88 participantes (N= 44 casais) com filhos entre os 7 e os 16 anos. Pretende-se ainda com este trabalho analisar a relação entre a comunicação entre pais e filhos e as forças familiares. A administração deste protocolo baseou-se num questionário sociodemográfico, na escala de avaliação da comunicação parental elaborada por (Portugal & Alberto, 2011) e no questionário de Forças familiares desenvolvido por Froma Walsh (Mendes, 2008).

Na análise comparativa das subescalas do COMPA entre pais e mães encontrou-se apenas diferença significativa na Confiança/partilha de progenitores para filhos, com as mães a terem uma média mais alta que os pais.

Registaram-se relações moderadas e elevadas entre as dimensões da comunicação entre progenitores e filhos e as forças familiares quer nos homens (pais) quer nas mulheres (mães). Só a subescala de Apoio Social teve correlação baixa com as subescalas do COMPA.

Palavras-chave: Comunicação parental; Concordância, Forças familiares

Evaluation of the agreement between the couple regarding to the parent-children communication

Abstract

The goal of the presente work is to evaluate the agreement level between the parents in a sample of couples of North (Cabinda) and South (Benguela) of Angola. 88 participants (N=44 couples) took part of the sample, with children aged between 7 and 16 years old.

This work also aims to analyze the relationship between parent-children communication and familiar forces.

The protocol administration was based on a sociodemographic questionnaire, Parental Communication Scale (Portugal & Alberto, 2011) and Familiar Forces Questionnaire developed by Froma Walsh (Mendes, 2008).

Comparing COMPA subscales between fathers and mothers we found significative differences in Trust/ Sharing of the parents regarding their children, with mothers scoring higher than fathers.

We also found moderate and high correlations between communication dimensions of parents and sons, and familiar forces, in fathers and in mothers. Only the Social Support Scale had a low correlation with COMPA subscales.

Key-Words: Parental Communication; Agreement; Familiar Forces.

Agradecimentos

A Deus por me conceber o dom da vida

Ao meu querido pai (em memória), minha querida mãe, por tudo quanto fizeram em todas as etapas da minha vida.

À Mestre Dulcineia, pelo apoio condicional prestado ao longo desta pesquisa.

À Mestre Teresa Dungula, pelo apoio prestado durante a nossa formação na cidade do Lubango.

À D. Ana Esteves e todo elenco da secretaria académica pela força e coragem para prosseguir a minha trajetória académica.

À Doutora Isabel Marques Alberto, minha orientadora, pela sapiência na orientação deste trabalho.

Ao Domingos Nanga, por tudo quanto fez na participação deste trabalho.

Aos meus colegas de carteira, em especial: Arnadete, Admilda, Elsa, João Kupessala, Kawindima, Sachindela, Sérgio, Teresa Dungula, pela força e coragem na prossecução dos meus estudos.

Aos meus queridos irmãos e sobrinhos que, mesmo distantes, sempre me incentivaram para o positivismo.

Ao meu esposo Lourenço de Almeida, filhos Amélia, Edilson e Paula Frassinett, que muitas das vezes ficaram sem mim por estar nessa batalha

A todos que participaram neste trabalho direta ou indiretamente o meu muito obrigado.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento conceptual	2
1.1. Comunicação familiar ao longo do ciclo vital familiar	2
1.2. Parentalidade e a comunicação entre pais e filhos	3
1.3. Parentalidade e estilos educativos	5
1.4. Resiliência familiar e comunicação entre pais e filhos	5
II – Objectivo	7
III- Metodologia	7
IV- Resultados	13
Discussão	17
Conclusão	18
Bibliografia	18

Introdução

O estudo da comunicação entre pais e filhos tem sido bastante investigado, pois esta desempenha um importante papel na vida familiar. A forma como os pais vivem o seu dia-a-dia constitui um modelo de influência na vida dos filhos (Weissbourd, 2010, como citado em Dias, 2011).

A família é um espaço privilegiado para aprendizagens, relações e comunicação, quer pela partilha de informação quer pela expressão dos afetos (Alarcão, 2006; Portugal, 2013; Relvas, 1996). Além da comunicação, a forma como o par parental se articula entre si é importante para a qualidade do desenvolvimento dos filhos. Assim o grau de acordo entre ambos, além de ser fundamental, constitui um dos grandes desafios à parentalidade, na medida em que exige de ambos um certo grau de maturidade emocional e compromisso na tarefa de educar.

Em Angola, o estudo sobre a família tem dado os primeiros passos, por isso, torna-se fundamental continuar a investigar sobre temas relacionados com a organização e funcionamento familiares. Esta investigação tem como objectivos: a) avaliar o grau de acordo entre os dois membros do sistema parental relativamente à comunicação que têm com os seus filhos; b) analisar a relação entre a percepção da comunicação entre pais e filhos e as forças familiares.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro apresenta-se o enquadramento teórico fazendo menção aos principais conceitos que constituem o tema. No segundo capítulo apresenta-se a metodologia de trabalho bem como os resultados de investigação. Far-se-á de seguida a discussão e, finalmente, as conclusões.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Comunicação familiar ao longo do ciclo vital familiar

Relvas (1996) consideram que as diferentes fases do ciclo vital da família, especificamente a fase da entrada dos filhos na escola e da adolescência “impõem à família questões distintamente marcadas, não tanto em termos do sentido das mudanças, que será sempre a separação, mas em função do grau, qualidade e efeitos da própria mudança” (p. 21). À medida que a família se desenvolve ao longo do tempo, tende a fazer ajustes e mudanças quantitativas e qualitativas (Relvas, 1996), pondo à prova as suas capacidades de resolução de problemas e de adaptação (Carter &McGoldrick, 1995).

A comunicação na família também varia ao longo do ciclo vital, particularmente na relação entre pais e filhos (Portugal, 2013; Relvas, 1996). Alarcão (2006) refere que a parentalidade implica três grandes funções com a comunicação a ter um papel central: a) função de socialização; b) autonomização e c) expressão de afeto. Ou seja, a família tem uma influência forte sobre o desenvolvimento das crianças e adolescentes, criando as referências que os filhos vão usar nas suas relações com o mundo (Portugal, 2013).

As etapas de entrada dos filhos para a escola e na adolescência são consideradas um grande desafio por caracterizarem a abertura formal da família com o mundo exterior e que leva a um processo de desmembramento. (Portugal, 2013; Relvas, 1996). Nestas etapas, a comunicação permite facilitar a adaptação e manter a coesão através da capacidade de cada membro da família de ouvir o outro, de partilha de opiniões, informação e sentimentos entre pais e filhos, e do respeito e atenção pelo outro. As famílias funcionais são caracterizadas pela boa comunicação, sendo flexíveis face a situações de crise (Agostinho, 2009; Dias, 2011; Gimeno 2001).

Quando os filhos entram para a escola, relacionam-se com dois sistemas executivos, professores e pais, o que implica ajustamentos na parentalidade relativamente à gestão de limites, regras, papéis e comunicação (Alarcão, 2006;

Portugal, 2013). A grande dificuldade a nível da comunicação que pode surgir nesta etapa tem a ver com a discrepância que pode haver entre o sistema escolar (professores) e o familiar (pais), com a criança a servir de mensageiro, o que leva a mensagem de um contexto para o outro, sem haver comunicação direta entre pais e escola (Alarcão, 2006; Carter&McGoldrik, 1995; Relvas, 1996).

Na etapa da entrada dos filhos na adolescência, a tarefa principal da família é alargar as fronteiras do espaço familiar, para permitir o processo de autonomia e de independência dos filhos (Carter&McGoldrik, 1995; Relvas, 1996). Pesquisadores têm estudado há muitas décadas como os pais influenciam o desenvolvimento das competências sociais dos adolescentes. Uma das descobertas refere-se aos estilos parentais, pois, figuras parentais nem bem definidas e nem muito estáveis em desempenhar seus papéis frente às atitudes quotidianas, podem parecer frente aos adolescentes como desvalorizadas, obrigando-os a procurar identificação com outras pessoas, que podem trazer referências e valores pouco saudáveis para o desenvolvimento do adolescente. Esta fase é de grandes mudanças, sobretudo no que se refere à comunicação entre pais e filhos. Pesquisas indicam que a auto-estima, o bem-estar e o tipo de relacionamentos dos adolescentes são variáveis que se relacionam diretamente com uma comunicação familiar eficaz (Portugal, 2013; Wagner, Ferreira, & Rodrigues, 1998).

1.2. Parentalidade e a comunicação entre pais e filhos

Zoring (2010 como citado em Lamela, Castro,&Figueiredo, 2013) refere que a parentalidade é um termo que surgiu em França nos anos 60 para designar o processo associado às funções parentais. Apesar de as dimensões inerentes ao parentesco terem sido estudadas por outras áreas (e.g. a antropologia, a filosofia e a sociologia), é na psicologia e na psicanálise que se encontra a pesquisa relativa aos processos psicológicos e às mudanças pessoais que surgem nos adultos quando se tornam pais (Zoring, 2010 como citado em Lamela, Castro,& Figueiredo, 2013).

Para a qualidade do desenvolvimento dos filhos, além do conceito de parentalidade, o conceito de parentalidade torna-se importante para a

compreensão da dinâmica do funcionamento do sistema parental. Focaremos o conceito de parentalidade no sentido de analisar a sua importância na forma como o par parental desenvolve os processos de comunicação e como estes podem influenciar a comunicação entre pais e filhos.

O conceito de parentalidade representa o envolvimento do par parental na relação com os filhos no sentido de ambos apoiarem-se mutuamente para a construção do projecto parental (Konold&Abidin, 2001 como citados em Lamela, Castro,& Figueiredo, 2013). Esta relação se estabelece quando dois indivíduos se responsabilizam conjuntamente pelo bem-estar dos filhos (Van Egeren& Hawkins, 2004 como citados em Lamela, Castro,& Figueiredo, 2013). Como já foi referido anteriormente, a comunicação é afectada pelas variações que se verificam no ciclo vital, sofrendo algumas mudanças em situações de crise.

O modelo ecológico de Feinberg (2003 como citado em Portugal, 2013), que parte dos resultados de pesquisas empíricas e do modelo estrutural de Minuchim (1982), a parentalidade reflete o envolvimento conjunto e articulado de ambos os pais na educação e decisões sobre a vida dos filhos. Este acordo parental permite o ajustamento adequado dos filhos ao longo de cada etapa do ciclo vital familiar. A este respeito, Xiao, Li, e Staton (2010 como citados em Portugal, 2013) examinaram o grau de concordância entre as percepções dos pais e as dos filhos relativamente à comunicação que mantêm entre si e concluíram que os filhos que percebem baixos níveis de comunicação aberta com os seus pais apresentam um ajustamento psicossocial pobre.

De acordo com Feinberg (2003 como citado em Portugal, 2013), no modelo ecológico a parentalidade integra quatro componentes: 1) acordo nas práticas parentais; 2) divisão do trabalho relacionado com a criança; 3) suporte do papel coparental, e 4) a gestão conjunta das relações da família (Feinberg, 2003). De acordo com o Modelo ecológico, a forma como o par parental se posiciona face às tarefas, influencia o desenvolvimento e o bem-estar dos filhos, bem como as suas competências a nível da comunicação.

Globalmente, a investigação mostra uma relação forte entre a parentalidade e a qualidade do desenvolvimento dos filhos (Lamela, Castro, & Figueiredo, 2013; Teubert&Pinquart, 2010).

1.3. Parentalidade e estilos educativos

Para O' Brien e Peyton (2002, como citados em Boeckel&Sarriera, 2006) a parentalidade é influenciada pelos Estilos Parentais Educativos. Na generalidade, os membros do par parental não consideram que os estilos parentais que cada um tem podem ser diferentes dos do outro e esta diferença pode influenciar o apoio ao outro e afetar o tipo de comunicação quer dentro do subistema parental, quer dos pais com os filhos.

Nos seus estudos sobre as práticas parentais, Diana Baumrind (1965, 1968 como citada em como citados em Boeckel&Sarriera, 2006) identificou três estilos parentais que, por sua vez, influenciam a qualidade do processo de desenvolvimento da criança: o permissivo, o autoritativo e o autoritário. O estilo autoritativo é tido como o mais equilibrado, podendo encontrar-se os outros dois em extremos opostos de disfuncionalidade. Existem algumas diferenças entre os conceitos de estilos parentais e práticas parentais, mas através da avaliação dos estilos parentais é possível identificar as práticas parentais dos pais/mães.

Os estilos parentais são o conjunto de atitudes dos pais presentes na relação que têm com as criança/jovem e que resultam na qualidade do clima emocional, enquanto as práticas parentais educativas integram os comportamentos dos pais que têm um objectivo específico. Concluindo, os estilos parentais educativos vão caracterizar as práticas parentais educativas, visto que estas são comportamentos (Darling&Steinberg, 1993, como citados em Boeckel&Sarriera, 2006).

1.4. Resiliência familiar e comunicação entre pais e filhos

São várias as definições que têm surgido para o conceito de resiliência (Santos, 2011), mas é consensual que a resiliência é importante na forma como os indivíduos e as famílias (enquanto grupo) lidam com o stress e as dificuldades ou problemas que surgem (Kobasa, 1982 como citado em Santos, 2011). Verifica-se

que, perante problemas graves, algumas pessoas/famílias apresentam um comportamento adaptativo, enquanto outras desenvolvem sintomatologia. “Um dos primeiros trabalhos específicos desta área foi publicado por McCubbin e McCubbin (1988) sobre a “tipologia de famílias resilientes”, partindo da definição segundo a qual famílias “resilientes” são aquelas que resistem aos problemas decorrentes de mudanças e “adaptam-se” às situações de crise” (Mendes, 2008, p. 9).

Algumas qualidades relacionadas com a resiliência familiar são: suporte dos outros, o esforço por alcançar metas conjuntas, considerar que enquanto família são competentes, ter uma auto-estima positiva e focar-se na resolução de problemas. As pessoas/famílias resilientes conseguem ver nos problemas a oportunidade de aumentar a sua capacidade de adaptação à mudança e de crescer (Connor, 2006; Schwartz, 2002; Yunes, 2003).

A tolerância ao stress é diferente consoante a fase do ciclo de vida familiar e, além disso, o bem-estar familiar pode ser afectado pela exposição prolongada a acontecimentos stressantes ou por problemas pequenos mas que surgem repetidamente no dia-a-dia (Savoie, 1999, como citado em Pesceet al., 2004).

No caso angolano, a situação de guerra que se viveu durante décadas, a saída das suas terras para lugares mais seguros mas longe da família e vizinhos, a perda de familiares, alterou a forma de se valorizar a vida e conseqüentemente perdeu-se a preocupação sobre a necessidade de proteger as vidas dos filhos. Muitos pais, perante as dificuldades de encontrar uma base sólida e estável de produção de bens para o sustento da própria família, como na situação tradicional, simplesmente renunciam à função parental ou ainda tornam-se violentos para com a criança, como expressão da sua frustração e derrota perante os desafios que o mercado laboral impõe. Esta situação pode ser uma das fontes de desconsideração da criança, vista como um consumidor passivo quando as carências económicas batem a porta das famílias (Walile, 2012).

Weizman (1985) defende ainda que nestas famílias faltamos objetivos familiares, uma vez que as energias são gastas em conflitos imediatos do dia-a-dia, em situações de emergência e sobrevivência. Desta forma, as funções

familiares são realizadas de forma insatisfatória, quer no suporte económico, educacional, assim como na qualidade relacional, estabilidade afetiva e gestão de conflitos. No funcionamento destas famílias, a comunicação é pobre, sem expressão de afeto positivo, sem uma comunicação clara entre cada um dos membros do par parental nem destes com os seus filhos. Sousa (2005) considera que as emoções negativas são vividas com uma forte intensidade e de forma pouco controlada dentro da família, havendo pouca possibilidade de clarificarem uns aos outros o que estão a sentir e o que esperam dos outros membros da família.

II - Objectivos

Objetivo geral:

O objetivo deste estudo é avaliar o nível de concordância entre os dois membros do par parental relativamente à comunicação entre pais e filhos numa amostra de casais de Angola (Província de Cabinda e Benguela).

Objetivos específicos:

- Analisar a consciência Interna da Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA) na amostra em estudo (Cabinda e Benguela);
- Avaliar o nível de concordância entre o par parental nas dimensões da comunicação entre pais e filhos (COMPA);
- Analisar a correlação entre a perceção da comunicação entre pais e filho e das forças familiares (COMPA & QFF).

III – Metodologia

3.1. Descrição da amostra

A amostra deste estudo inclui 44 casais, num total de 88 participantes dos quais 50 (56.8%) são da província de Benguela e 38 (43.2%) de Cabinda. A amostra é equilibrada quanto ao sexo (ou seja, 44 participantes de cada um dos sexos). A média da idade para a amostra total é de 38.3 anos (DP = 7.5 anos). No geral, as idades variam entre 25-56 anos (sendo a Amplitude Total = 31 anos). Considerando a repartição da variável idade em categorias, verificou-se que a

categoria modal é a de 31-40 anos (n = 41, 46.6%). A segunda categoria com maior frequência é a referente à faixa dos 41-50 anos (n = 22, 25%), seguida da categoria de 23-30 anos (n = 17, 19.3%), sendo a categoria menos frequente entre os 51-60 anos (n = 8, 9.1%) (ver Tabela 1).

Considerando a etnia, a maioria da amostra é Umbundo (n = 48, 54.5%), seguida dos Muwoyo (n = 16, 18.2%). Outras etnias presentes na amostra são dos Muyombe (n = 6, 6.8%), Quimbundo (n = 5, 5.7%), Mukwakongo e Mulinge (ambos com n = 4, 4.5%), Bacongo (n = 3, 3.4%) e Nganguela (n = 1, 1.1%).

Quanto à escolaridade dos participantes, a categoria modal no presente estudo é o 2º ciclo (n = 49, 55.7%), segue-se o Ensino Superior (n = 36, 40.9%) e, por fim, com apenas 3% (n = 3), a categoria respeitante ao 1º ciclo (ver Tabela 1).

No que diz respeito ao número de filhos, a amostra reparte-se entre o mínimo de 1 e o máximo de 7 filhos por casal (Mediana = 3) (ver Tabela 2).

Em termos da área de residência verifica-se que a maioria da amostra vive nos Arredores da Cidade/Bairro (n = 76, 86.4%), segue-se o Centro da Cidade (n = 8, 9.1%) e, finalmente, a Comuna/Sede (n = 4, 4.5%) (ver Tabela 1). Relativamente ao tipo de habitação, a maioria dos participantes habita em vivenda (n = 40, 45.5%), segue-se o apartamento (n = 38, 43.2%), as casas de adobe (n = 6, 6.8%) e, por fim, outro tipo de habitação (n = 4, 4.5%) (ver Tabela 1).

Por último, no que diz respeito à variável etapa do ciclo de vida familiar, a categoria com maior frequência é filhos na escola (n = 52, 62.7%), enquanto os restantes participantes se inserem na categoria com filhos adolescentes (n = 31, 37.3%). Nesta variável encontramos 5 casos com resposta omissa (ou seja, 5.7% da amostra) (ver Tabela 2).

Tabela 1 – Caracterização da amostra a nível sociodemográfico (N=88)

Variável		n	%
Região de Angola	Benguela	50	56.8
	Cabinda	38	43.2
Sexo	Masculino	44	50
	Feminino	44	50
Idade (Categorias)	23-30	17	19.3
	31-40	41	46.6
	41-50	22	25.0
	51-60	8	9.10
Etnia	Umbundo	58	44.5
	Muwoyo	16	18.2
	Muyombe	6	6.8
	Quimbundo	5	5.7
	Mukwakongo	4	4.5
	Mulinge	4	4.5
	Bacongo	3	3.4
	Nganguela	1	1.1
	Outros	1	1.1
Escolaridade	1º Ciclo	3	3.4
	2º Ciclo	49	55.7
	Ensino Superior	36	40.9
N.º de Filhos	1	3	3.4
	2	13	14.9
	3	38	43.7
	4	18	20.7
	5	10	11.4
	6	2	2.3
	7	3	3.4
Residência	Arredores da Cidade	76	86.4
	Centro da Cidade	8	9.1
	Comuna/Sede	4	4.5
Profissão	1	1	1.1
	2	33	37.5
	3	15	17

	4	14	15.9
	5	5	5.7
	6	2	2.3
	7	5	5.7
	8	1	1.1
	9	6	6.8
	10	6	6.8
Habitação	Apartamento	38	43.2
	Vivenda	40	45.5
	Casa Adobe	6	6.8
	Outro	4	4.5
Etapa de Vida	Filho na Escola	52	62.7
	Filho Adolescente	31	37.3

*1. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa

2. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa

3. Técnicos e profissionais de Nível Intermédio

4. Pessoal Administrativo e Similares

5. Pessoal dos Serviços e Vendedores

6. Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas

7. Operários, Artífices e Trabalhadores Similares

8. Trabalhadores Não Qualificados

9. Doméstico

10. Estudante

Tabela2 – Caracterização da amostra dos dados familiares

Variável	n	%	
Números de filhos	1	14	7.8
	2	35	19.4
	3	31	33.9
	4	42	23.3
	5	18	10.0
	6	3	3.3
	7	3	1.7
Fonte de rendimento	Riqueza herdada ou adquirida	3	1.7
	Lucros, investimentos ordenados	4	2.3
	Vencimento mensal	157	88.7
	Remuneração semana, dia ou tarefa	13	7.3

Etapa do Ciclo Vital	Família com filhos na escola	75	41.7
	Família com filhos adolescentes	56	31.1
	Família com filhos adultos	49	27.2

3.2 – Instrumentos

O presente trabalho integrou um protocolo de três instrumentos: o Questionário de dados sociodemográficos, a Escala de avaliação de comunicação na Parentalidade (COMPA – versão Pais) e o Questionário das Forças Familiares (QFF).

3.2.1 - Questionário de dados sociodemográficos

O Questionário sociodemográfico permitiu a recolha de informações demográficas e familiares consideradas importantes para o presente estudo: nível de escolaridade, sexo, profissão, estado civil, etnia, idade e religião), bem como os dados referentes ao agregado familiar, como o local de residência, tipo de habitação e fonte de rendimento (conforto). Os dados sobre a etapa do Ciclo vital e o nível socioeconómico eram preenchidos pelo investigador.

3.2.2 – Escala de Avaliação de Comunicação na Parentalidade - COMPA-Versão Pais

Portugal e Alberto (2011), elaboram esta escala para avaliar a comunicação na parentalidade. Tem 44 itens estão distribuídos em 5 subescala: expressão do afecto e apoio emocional, disponibilidade parental, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores). As respostas dos participantes são dadas numa escala *Likert* de 1 a 5 (1=Nunca, 2=Raramente, 3=Às vezes, 4=Muitas vezes, 5=Sempre). Os itens 21, 31 e 43 são de cotação invertida. Relativamente a cotação dos totais por subescalas, à que distinguir os números de itens, estes compõem as dimensões das famílias e amostras mais presentes. Quanto a versão original portuguesa do COMPA, numa amostra portuguesa, a consistência interna,

obtida nas subescalas foi: expressão do afeto e apoio emocional $\alpha = .82$; disponibilidade parental $\alpha = .73$; metacomunicação $\alpha = .73$ confiança/ partilha comunicacional de progenitores para filhos $\alpha = .73$ e confiança/ partilha comunicacional de filhos para progenitores $\alpha = .62$. (Portugal 2003).

3.2.3. Questionário de forças familiares – QFF

Este instrumento foi desenvolvido com base na caracterização do processo de resiliência familiar Froma Walsh (Mendes, 2008). Tem 29 itens que estão divididos por cinco subescalas (crenças e comunicação, capacidade de adaptação, clima familiar positivo e coesão, organização da vida familiar e tomada de decisão, individualidade, apoio social). As respostas são dadas de acordo com uma escala *Likert* de cinco valores (1- Nada parecidas; 2-Pouco parecidas; 3 – Mais ou menos parecidas; 4- Bastantes parecidas; 5 – Totalmente parecidas).

Em relação à escala a escala total, nos estudos portugueses (Mendes 2008) o resultado da consistência interna do Alfa de *Cronbach* para a escala total foi de ($\alpha = 0.923$) resultado considerado excelente para o estudo (Mendes 2008). Nas subescalas Crenças e comunicação ($\alpha = 0.89$), Capacidade de adaptação ($\alpha = 0.80$), Clima familiar positivo e coesão ($\alpha = 0.85$), Organização de vida familiar e tomada de decisão ($\alpha = 0.80$), Individualidade ($\alpha = 0.74$) e Apoio social ($\alpha = .70$), (Mendes, 2008).

3.3. Procedimento de investigação e tratamento de dados

A recolha de dados decorreu entre os períodos de Outubro de 2013 e Fevereiro de 2014, nas cidades de Benguela e Cabinda, respectivamente regiões Sul e norte de Angola. Os critérios de inclusão dos participantes eram: terem filhos com idades compreendidas entre 7 aos 16 anos de idade (por referência as idades abrangidas pelo COMPA) independentemente do estado civil. É de referenciar que o processo de recolha da amostra foi por conveniência.

A administração dos protocolos foi realizada apenas pelos investigadores, seguindo as orientações e a ordem de aplicação. Para todos os participantes leu-se a folha do consentimento que informa sobre os objectivos da investigação e as

condições de anonimatos e confidencialidade. Aos adultos que aceitaram participar fez-se a administração dos protocolos.

Para o presente estudo usaram-se os dados já recolhidos e que constavam de base de dados.

O tratamento estatístico dos dados teve como recurso o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences – Versão 20) para as estatísticas descritivas (Cálculo de frequências, médias, desvio padrão), de comparação (teste t de Student para amostra emparelhadas) e de correlação de Pearson.

IV – Resultados

Para estruturar a apresentação dos resultados deste estudo, organizou-se os mesmos tendo em conta os objetivos propostos.

4.1. Análise da consistência interna do COMPA

No COMPA-Versão Pais, um total dos itens obteve um valor de Alfa de Cronbach de ($\alpha = .936$), considerado excelente (Nunally, 1988 como citado por Portugal, 2013). Os coeficientes de Alfa de Cronbach para as subescalas são: Expressão do afecto (.87), Disponibilidade parental para comunicação ($\alpha = .73$), Metacomunicação ($\alpha = .82$), Confiança/partilha comunicacional de pais para filhos (.69), Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores ($\alpha = .70$). São valores aceitáveis para fins de investigação (Nunally, 1988 como citado por Portugal, 2013).

A fim de averiguar a contribuição de cada item para a consistência interna do instrumento na nossa amostra, comparou-se os coeficientes de correlação de cada item da escala total e encontrou-se apenas um item cujo valor prejudica a consistência interna; referimo-nos ao item 21 cuja correlação com a escala é negativa e baixa ($r = -.175$) (ver Tabela 3 a8). Na subescala confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores o mesmo item 21 “gostava que o meu filho fosse criança para sempre” apresenta um valor baixo na correlação (.20). A análise destes resultados levou-nos a concluir que, apesar destes valores, os itens devem permanecer, pois este estudo é exploratório.

Tabela 3 -Estatística dos itens da subescala Expressão do Afeto e Apoio Emocional do COMPA (n=88)

	Média	DP	Correlação Item- Total
10	4.14	1.12	.56
17	4.49	.99	.62
18	4.01	1.12	.53
19	3.85	1.21	.56
20	4.20	1.14	.58
28	4.58	.85	.62
29	3.91	1.08	.55
30	4.35	1.01	.59
34	4.10	1.10	.51
37	4.44	.91	.62
39	4.43	1.09	.46
44	3.55	1.19	.55

Tabela 4 - Estatística dos itens da subescala Disponibilidade Parental do COMPA

	Média	DP	Correlação Item- Total
9	4.08	1.16	.59
11	3.75	1.14	.35
24	4.23	1.02	.50
26	3.82	1.11	.44
31	1.74	1.27	.26
40	4.34	.94	.48
42	3.72	1.59	.46
43	2.97	1.44	.36

Tabela5- Estatística dos itens da subescala Metacomunicação do COMPA

	Média	DP	Correlação Item- Total
3	4.40	.86	.29
5	4.34	1.07	.54
22	4.11	1.20	.66
23	4.08	1.05	.67
25	3.65	1.34	.54
33	3.60	1.37	.60
35	4.38	1.10	.43
38	4.33	1.01	.62

Tabela6-Estatística dos itens da subescala Confiança/ Partilha depois para filho do COMPA

	Média	DP	Correlação Item- Total
2	3.35	1.30	.20
4	4.03	1.10	.52
6	3.97	1.24	.61
7	3.33	1.24	.54
8	4.14	1.24	.46
27	4.49	.96	.21
41	3.49	1.38	.33

Tabela7-Estatística dos itens da subescala Confiança/Partilha de filhos para pais do COMPA

	Média	DP	Correlação Item- Total
12	4.00	1.12	.45
13	4.11	1.13	.50
14	4.25	1.11	.32
15	3.39	1.20	.50
16	3.73	1.34	.58
21	2.80	1.64	.20
32	3.63	1.25	.54

4.2. Avaliar o nível de concordância entre o para parental nas dimensões da comunicação entre pais e filhos

Da análise estatística realizada apenas se encontrou uma diferença estatisticamente significativa ($p < .05$) entre mães ($M = 27.55$; $DP = 5.26$) e pais ($M = 25.32$; $DP = 5.95$) na subescala Confiança/partilha de progenitores para filhos [$t(43) = 2.35$, $p = .02$] (Ver tabela 8).

Tabela 8- Comparação Mães-Pais (do mesmo casal) nas subescalas do COMPA

	Mulher		Homem		<i>t</i>	<i>P</i>
	M	DP	M	DP		
Expressão de Afeto	50.43	8.35	47.84	11.94	1.56	.14
Disponibilidade	28.75	5.76	27.61	7.08	1.12	.27
Metacomunicação	32.70	6.18	31.80	7.78	.78	.44
Confiança /Partilha Pais	27.55	5.26	25.32	5.95	2.35	.02
Confiança Partilha filhos	25.52	5.92	25.50	6.34	.09	.92

Segundo as análises, verificou-se que a Média para os progenitores (mãe e pai) nas subescalas Expressão do Afeto e Metacomunicação foi de

respectivamente 50.43 e 47.84, na Metacomunicação foi de 32.70 e 31.80, seguindo-se a Disponibilidade parental com uma média de 28.75 para a mãe e 27.61 para o pai. Assim, constou-se que as mães da amostra em estudo percebem uma melhor comunicação em todas as suas dimensões comparativamente aos pais. Mas só na Confiança/partilha de pais para filhos é que a diferença é significativa.

As correlações entre as subescalas do COMPA e do QFF são positivas e estatisticamente significativas, excepto entre a subescala Expressão do Afeto (COMPA) e a subescala Apoio Emocional de QFF para a mãe (ver Tabelas 9 e 10).

Tabela 9-Intercorrelações entre COMPA e QFF paramães (N=44)

	Crenças	Capacidade	Clima	Organização	Individualidade	Apoio
Expressão Afeto	.543**	.511**	.439**	.504**	.433**	.199
Disponibilidade	.541**	.518**	.469**	.556**	.498**	.285*
Metacomunicação	.614**	.635**	.605**	.609**	.633**	.246*
Confiança/Partilha Progenitores	.396**	.399**	.435**	.467**	.395**	.264*
Confiança/Partilha Filhos	.577**	.496**	.431**	.532**	.461**	.275**

*p<.05 (bilateral) **p<.01 (bilateral)

Tabela 10 – Intercorrelações entre COMPA e QFF para os pais (44)

	Crenças	Capacidade	Clima	Organização	Individualidade	Apoio
Expressão Afeto	.797**	.751**	.722**	.683**	.515**	.394**
Disponibilidade	.747**	.727**	.684**	.679**	.581**	.391**
Metacomunicação	.813**	.778**	.781**	.727**	.634**	.427**
Confiança/Partilha Progenitores	.609**	.574**	.636**	.651**	.395**	.265
Confiança/Partilha Filhos	.778**	.704**	.635**	.699**	.516**	.381*

*p<.05 (bilateral) **p<.01 (bilateral)

V - Discussão

Sendo o trabalho de carácter exploratório, pretende-se contribuir para avaliar a comunicação familiar através do COMPA (Escala de aviação da comunicação na parentalidade, Versão- Pais), em famílias com filhos na escola e filhos adolescentes, numa amostra do Sul de Angola nas províncias de Benguela e Cabinda, analisando-se mãe e pais têm respostas semelhantes nas várias subescalas do COMPA. Pretende-se também analisar a relação entre a comunicação parental e as forças familiares.

Da análise da consistência interna do COMPA e do QFF através do valor do Alfa de *Crombach* verificou-se que os mesmos tinham qualidades ao nível de fidelidade semelhantes às da população portuguesa (Mendes; 2008; Portugal 2013).

Quanto ao grau de concordância relativamente à comunicação entre os membros do par parental só se encontrou uma diferença estatisticamente significativa entre mães e pais, na Confiança/partilha de progenitores para filhos, que pode dever-se ao tipo de relação afetiva entre mãe e filhos. Segundo Buza (2011) e Liuanhica (2014) os comportamentos dos pais/mães dependem do contexto histórico e social. As gerações adultas devem transmitir e assegurar nas gerações mais jovens, os costumes, normas, valores e conhecimentos mais importantes nos grupos sociais. Na comunicação, com principal destaque entre pais e filhos do mesmo sexo, os adultos tendem a abrir-se ou a expôr vários problemas e para as mães, por ficarem mais tempo com os filhos enquanto pequenos ou adolescentes, é mais fácil falarem de si.

Tendo em conta a relação entre as subescalas do COMPA e as do QFF, pode-se considerar que quanto melhor é a qualidade da comunicação entre pais e filhos melhores são as forças familiares. As famílias em que os pais comunicam mais com os filhos parecem ter mais recursos. Apenas o Apoio Social não parece relacionar-se com a qualidade da comunicação entre pais e filhos.

Conclusão

A presente investigação teve como objetivo avaliar o grau de concordância entre o par parental relativamente à comunicação entre pais e filhos numa amostra de famílias da província Norte Sul de Angola, nomeadamente Cabinda e Benguela.

Quanto a análise feita de um modo geral, podemos destacar uma maior Confiança/partilha de progenitores para filhos em mulheres (mães), tendo em conta a afetividade e aproximação de filhos para com as mães porque estas são as que mais lidam com os filhos enquanto pequenos e adolescentes.

A comunicação entre pais e filhos relaciona-se com as forças familiares, e apenas o Apoio social não parece estar relacionado com as diversas subescalas do COMPA.

Bibliografia

- Agostinho, A.C. (2009). *Filhos na escola e filhos adultos: relação entre o funcionamento familiar, parentalidade e resiliência*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Lisboa. Portugal.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares* (3ªed.). Coimbra: Quarteto.
- Boeckel, M. G.; Sarriera, J. C. (2006) Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Crescimento Desenvolvimento Humano*.
- Buza, G. A, (2011). O Tchikumbi em Cabinda: o esvaziamento de uma prática e saber tradicional de educação familiar. *Atas do Congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais: Diversidade e Desigualdade*. Salvador da Baía. Brasil
- Carter, B., &McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para terapia familiar*. (2ª Edição). Porto-Alegre: Artmed.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica. O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19,139-156.
- Gimeno, A. C. (2001). *A família e o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto

Piaget.

- Lamela, D., Castro, M. & Figueiredo, B. (2013). Pais por Inteiro: Avaliação preliminar da eficácia de um programa de intervenção em grupo para pais divorciados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 277-283.
- Liuanhica, A. R. K. (2014). Comparação dos padrões de comunicação entre pais e filhos entre uma amostra de Benguela e uma amostra de Cabinda. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Coimbra.
- Mendes, P. G. (2008). Resiliência familiar: estudo exploratório em famílias de risco. (Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica e saúde no publicada). Universidade de Coimbra. Portugal.
- Portugal, A.P.M. (2013). *O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Avaliação da comunicação em famílias Pós-Divorcio*. (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade de Coimbra. Portugal.
- Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital. Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Santos, A. F. (2011). *A resiliência e sua forma de promoção em famílias que convivem com doença crónica*. (Dissertação de Especialidade não publicada). Universidade Federal de Minas Gerais. Brasil.
- Wagner, A., Ferreira, V., & Rodrigues, M.I.M. (1998). Estratégias educativas: *Uma perspetiva entre pais e filhos*. *Psicologia e Argumento*, 1 (23), 37-46.
- Wagner, A., et al. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.
- Yunes, M.A.M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco o indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.